Spártacus

Ano I — Numero 12 | Endereço: Caixa postal 1936, Rio de Janeiro — Brazil | 18 de Outubro de 1919

NÃO HA MEIO

A conferência do ilustre professor Manoel Bonfim, comemorativa do assassinio de Ferrer, versou num ponto capital do problema revolucionario.

Deseja o professor Bonfim que os trabalhadores conscientes incluam no seu programa de reivindicações a *instrução popular*. Não basta exigir do Estado e dos patrões a diminuição nas horas de trabalho, o aumento do salario, legislação sobre acidentes, pensões aos velhos, etc.; cumpre exigir tambem, nêste Brasil de analfabetos, a instrução popular extensa e intensa.

Essa instrução desenvolvida, pondera o conferencista, é utilissima ao trabalhador sob duplo aspecto: 1.º) é vantajosa na luta de reclamações, para orientar melhór as massas, congrega-las nos mesmos fins, dar-lhes um ideal humano sem o qual não pode haver victória; 2.º) é indispensável na organisação de um regimen social novo em que o productor deve dirigir, êle próprio, a produção, hoje dirigida injusta e desastradamente pelo capitalista.

Insistindo nêste segundo item, mostra o professor Bonfim como não pode haver equiparação entre o capital e o trabalho, por ser o o capital méra reserva de trabalho, criação do trabalho e não criador dêle.

Para haver justiça real, importa que o trabalhador seja o verdadeiro dirigente do trabalho, tenha portanto ingerência definitiva na organização da produção. Ora, acontece que, para dirigir a produção, é necessario possuir capacidade técnica e os técnicos se acham hoje com os capitalistas, são por êles pagos e aspiram ascender á posição de explorador. Logo, para haver uma renovação social favorável aos trabalhadores, é forçoso criar nêstes a capacidade técnica, de tal modo que sejam aptos a dirigir fábricas, lavouras, minas, instrução publica, etc.

A conclusão, portanto, é que os trabalhadores militantes hoje devem reclamar, antes de tudo, instrução.

Não ha que opôr ao dr. Bonfim quanto á urgência do preparo técnico dos trabalhadores na constituição de uma sociedade nova. Em todos os meios anarquistas se discute o assunto e se reconhece isso. Um dos pontos em que mais insistia, entre nós, José Romero, era êsse precisamente. A Rússia, segundo informações esparsas, teve de mandar vir, da Suiça e da Alemanha, técnicos pagos principescamente, multiplicou as escolas técnicas e vae criando uma legião de professores primários e profissionais.

Todavia, essa mesma Rússia nos revela, a fundo, o problema em sua realidade.

Suponhamos que os trabalhadores russos, antes da revolução, sujeitos ao tzarismo, ao popismo, á Siberia e á côrte, se lembrassem de exigir instrução pública, mais do que isso, instrução técnica! Si êles não conseguiram nem mesmo a liberdade de pensamento em quarenta anos de exigências continuadas, quando iriam conseguir a tão ambicionada instrução técnica e, mais ainda, a ambicionada direção da produção?

Entretanto, operada que foi, radicalmente, a queda do regimen capitalista, anulada a oposição sistemática dos senhores da Terra, conseguiram os organizadores maximistas, em menos de dois anos, apesar de todos os embaraços e dificuldades, de toda a pressão externa e da guerra civil, realizar uma obra educativa como não realizou nem realizaria nunca o tzare seus ministros.

Quer o dr. Bonfim que os trabalhadores reivindiquem instrução para si mesmos e seus filhos. Bela cousa! Reivindicar de quem? Do Estado e dos patrões, isto é da direcção capitalista. Suponhamos, para argumentar, que o Estado cede e vota um crédito soberbo para escolas primárias e profissionais.

Poder-se-ia obter qualquer vantagem si o govêrno se abaixasse a confiar ao *populacho*, á *canalha*, a organização dessas escolas, os programas de ensino, a escôlha dos professores.

Acredita o sr. Bonfim que haja no universo um governo capitalista cápaz disso?

Não. A instrucção publica e profissional é monopolio do burguês. Êle arranca do trabalhador o dinheiro necessário á manutenção da escola, mas declara peremptóriamente: «Quem te ensina sou eu. Terás a educaçao e a instrução que me convier. Preciso de oficiais peritos, por isso tenho escolas profissionais. Preciso de engenheiros, médicos, professores e por isso tenho escolas superiores para os meus filhos ou para os teus filhos que se quizerem aburguesar, defender os nossos interesses, ser dos nossos. Esta ultima concessão te faço porque me forçaste a isso com várias revoluções; entre elas a revolução francêsa, mas estou disposto a não ceder mais nada. Aprenderás, na minha escola, a obedecer aos teus superiores, a respeitar, como dogma, a propriedade particular, a reconhecer meu capital como intangivel, embora eu o tenha obtido roubando ou jogando. Para refrear teus assomos de revolta e impedir que abras os olhos muito abertos mantenho ou patrocino a educação religiosa. Por ela aprenderás a conhecer Deus e os mandamentos em que é pecado, punivel com o inferno, tocar, de leve, no meu capital e desobedecer as minhas ordens. Mantenho ainda, nas minhas escolas, a instrução moral e civica, para te fazer bom cidadão, cumpridor dos teus deveres, resignado, observador das leis que eu mesmo faço em meu proveito para te explorar a gosto. Si fugires e mugires, toco o telefone e logo movimento milhares de irmãos teus, ignorantes e inconcientes como tu, armados de chanfalho e mosquetão e prontos a te assassinar na praça pública, a te encarcerar na detenção e a te expulsar si fôres estrangeiro. Serve-te assim? Si não serve é a mesma cousa. A canalha só tem uma função: submeter-se». E o meio de sair disso?

Que valerá, para o amanhã sonhado, essa educação capitalista que não passa do oficio, do catecismo e dos livrecos de moral burguêsa?

Os trabalhadores querem a instrução técnica superior, porque a técnica inferior são êles os que a têm. Mas a burguesia não permite a ascensão do obreiro á técnica superior, sinão emburguesando-o, absorvendo-o, assimilando-o á sua casta.

O remédio pois é o que propomos ao inverso do professor Bonfim. Só teremos trabalhadores técnicos, engenheiros, médicos, professores, quando a direção geral da produção e da distribuição das riquezas estiver nas mãos do produtor, quando a sociedade em que vivemos deixar de ser capitalista para ser comunista.

Não ha outro meio!

José Oiticica.

Os indesejaveis

Sob este titulo o Sr. Gonçalves Maia, ex-deputado federal e jornalista dos mais conhecidos em Pernambuco, publicou na *Provincia* (n. de 27 de setembro) de Recife, um interessante artigo, que a seguir reproduzimos:

Sempre nos opuzemos a qualquer projecto de lei, que podesse facilitar a expulsão de estrangeiros, as perseguições operarias, ou dificultar a entrada do estrangeiro, por motivos de ordem politica. Os mil embaraços, que podem ser creados nessas ocasiões, nós os puzemos em pratica, na comissão de justiça da Camara, quando se pretendeu fazer essa lei. E o projecto encalhou.

Agora querem revivel-o. Si estivessemos lá, fariamos tudo contra.

Porque essa obstinação? Porque não queremos dar ao governo esse meio de defeza contra o estrangeiro "indesejavel"?

Porque, antes do mais, estamos no Brazil, isto é, pertencemos a um paiz onde a preocupação exclusiva do legislador, do jornalista, do homem publico, deve ser tirar ao poder publico todas as possibilidades do abuso e da violencia, e não armal-o legalmente da faculdade de abusar.

As autoridades brazileiras não são autoridades de quem se possa pensar que teriam o criterio necessario para executar uma lei sem exorbitar.

E o mal que viria da entrada ou da permanencia de dez individuos maus, no paiz, é muito menor do que a violencia contra um unico inocente, perseguido estupidamente, por motivos politicos e eleitoraes, pelas nossas autoridades.

Façam a nova lei de expulsão e nenhum operario nacional, ou estrangeiro, estará mais seguro. Uma permanente ameaça de escravidão pesará sobre a sua cabeça.

Os horrores da guerra fizeram um dia um deputado pensar que todos os amputados, todos os soldados de pernas e braços cortados, procurariam, depois da guerra, o Brazil. Era preciso evitar isso. E logo acrescentou um projecto prohibindo a entrada dos mutilados!

Entretanto seria possivel que esses homens de um braço só ou de uma perna só, ainda podessem, pelo menos, dar um exemplo de bravura moral que não temos.

E' contra disparates daquela ordem que nos insurgimos.

Depois, as idéas nunca nos meteram medo, mesmo as mais extravagantes e perigosas. A republica já foi mais perseguida ainda do que o está sendo o maximalismo. Entretanto todos são hoje republicanos.

Inda não vimos na imprensa, nem do Rio, nem do Sul, nem do Norte, nem por parte do governo, nem por parte das classes conservadoras, um só artigo combatendo o maximalismo. Lemos entretanto, diariamente, noticias e transcrições mostrando que ele não é tão feio como se pinta.

E' isso que é combatel-o? E depois de espalhar a idéa, pede-se o auxilio da policia e as leis de excepção.

Não: não está direito! Cada uma dessas novas leis é mais uma porta aberta para novas violencias por parte dos governos.

Nosso dever é fechal-as.

Gonçalves Maia

Os meios de produção e de transporte são possuidos por alguns seres, que naturalmente cuidam sobretudo do seu interesse proprio. A riqueza social é assim administrada, não para bem de todos, mas para vantagem de poucos. O escopo da produção e de todos os serviços de utilidade publica deixa de ser o bem-estar e a segurança de cada um para consistir apenas no lucro dos proprietarios.— NENO VASCO.

Na E. F. Central do Brazil

A tristissima situação economica dos jornaleiros da F. F.C.B. ainda mais se tem agravado com a baixeza moral dos que se julgam seus mentores e orientadores.

Ao em vez de enfrentar directamente a luta pela reivindicação de melhorias, esses *leaders* de meia tijela não sabem mais como se hão de humilhar ante os poderes superiores, na pedinchagem indecorosa.

E andam, os pobres coitados, de Herodes para Pilatos, e até ao mui alto Cezar do Catete, implorando misericordia e compaixão...

Uma vergonha!

Ou bem que esses trabalhadores têm direito a melhorias, ou bem que o não têm. Si lhes assiste tal direito, nada ha que esmolar de quem quer que seja — é clamar e reclamar, por todos os meios, dignamente e altivamente; e si tal direito lhes não assiste, não ha então de que se queixarem.

Com a humilhante baixeza do peditorio é que não arranjarão cousa nenhuma.

E não vêm esses homens o exemplo dos seus camaradas europeus e norte-americanos, cujas exigencias e cujas lutas põem em cheque o todo-poderio de ministros e potentados?

"Canaes e Lagoas"

Está finalmente posto á venda o 1.º volume da obra do nosso amigo e colaborador Octavio Brandão — *Canaes e Lagoas*.

Obra de sabio e de poeta, e fructo dum tremendo e agoniado esforço, o livro de Octavio Brandão está acima dos faceis elogios banaes, revelador que é de uma das mais fortes e caracteristicas mentalidades do Brazil novo.

Ao noticiar o aparecimento de *Canaes e Lagoas*, aqui deixamos a Octavio Brandão a nossa melhor e mais cordeal saudação, pelo triunfo da sua tenacidade admiravel.

Resultados contraproducentes

A verdadeira coragem é a que se manifesta de uma maneira serena, reflectida, inflexivel. A nossa coragem, a coragem dos pioneiros da liberdade, deve ser assim. Emquanto os nossos inimigos perdem a cabeça, enfurecem-se, entregam-se a monstruosos actos de estupidez como esse da expulsão de trabalhadores conscientes, devemos continuar inflexiveis no nosso caminho, procurando sempre novas e melhores fórmas de conduzir a lucta contra a burguezia.

Os atropelos dos nossos governantes, ao envez de representarem força, representam fraqueza, porque só os fracos recorrem á traição e ao crime. Si os actuaes governantes do Brazil estivessem fortes não estariam cometendo as arbitrariedades a que estamos assistindo, porque fortaleza, em politica, traduz-se por prestigio e si os governantes actuaes tivessem realmente prestigio não receariam a ação de um punhado de propagandistas libertarios estrangeiros ou nacionaes que fossem. Si ele enveredou pelo caminho da violencia é porque se sente abalado, é porque não tem forças para serenamente nos fazer face e isto deve por nós ser encarado como um bom sinal do nosso proximo triunfo. Isto quer dizer que os nossos inimigos começam a estrebuxar e quem estrebuxa depressa se cança e morre.

Ao governo actual nada aproveitarão as violencias que está exercendo sobre os operarios estrangeiros. Essas violencias lhe trariam proveitos si tivessem como resultado diminuir a propaganda libertaria e enfraquecer a organização obreira.

Ora isto absolutamente não está sucedendo nem sucederá, por duas razões principaes: 1º porque a maioria e a parte mais activa dos militantes operarios do Brazil compõe-se de nacionaes e não de estrangeiros; segundo porque a expulsão destes vem aumentar o zelo e o ardor dos operarios nacionaes, que se julgam na obrigação de substituir os expulsados no *front* da luta social. Que de cartas ardorosas nos chegam, de elementos operarios nacionaes que estavam ha muito desinteressados da propaganda e que agora se propõem a continual-a, com mais vigor do que nunca! Que de adesões! Que de novos adeptos do comunismo não está fazendo o actual procedimento dos nossos governantes!

Neste andar, em breve teremos forças para dar o supremo assalto á organização burgueza. Muito bem, dr. Epitacio. Continue assim que em breve o *soviet* do Rio de Janeiro estará instalado no Catete — para o bem da humanidade e para o progresso do Brazil.

Não se calcula o efeito contraproducente que dão as expulsões de militantes operarios. Na generalidade, esses militantes são homens de vida pura, e estimadissimos na sua classe e contando nas suas relações com um vasto circulo de amigos. Com a expulsão desses homens, os seus amigos consideram-se na obrigação de vingal-os e a vingança melhor, neste particular, é substituil-os na tarefa que eles realizavam. Por outro lado, os seus companheiros de classe fazem comsigo esta reflexão: «Esses homens falavam sempre em nosso favor e pregavam uma doutrina que nem todos nós aceitavamos porque nem todos a comprehendiamos; si os nossos inimigos os expulsaram deslealmente, sem ao menos recorrerem ás leis, é porque esses homens tinham razão, é porque realmente eles diziam a verdade: vamos, pois, fazer o que eles nos aconselhavam, isto é, associarmo-nos, instruirmo-nos, combatermos o roubo e a exploração por meio da ação consciente que só dentro do sindicalismo revolucionario poderá ser desenvolvida».

Isto não são suposições, é a realidade. No dia seguinte ao da partida da primeira leva de deportados, um operario da construção civil me disse: «F... havia-me dado um livro para lêr. Não o li até agora porque achei que aquilo não tinha importancia e que as idéas de F... eram um sonho de creanças; mas desde que os burguezes expulsaram F... é porque as idéas dele tem algum valor e toca, pois, a estudal-as. Já li dez paginas do livro e concordo com tudo o que ahi está escrito. E' pena que a minha atenção não tivesse sido ha mais tempo chamada para estas idéas tão sublimes».

E' pena, na verdade. E' pena que as expulsões não viessem sendo feitas desde ha uns dois anos porque desta fórma já hoje teriamos uma organização operaria capaz de dar a esta nossa burguezia ignorante e rapace a lição que tão bem merece.

Antonio Canellas

A SEGUNDA LEVA...

Continuam as deportações

Seguiu a segunda leva...

Que palavras bem duras havemos de empregar na estigmatização da infamia que se vai praticando?

Não ha mais palavras, nada adiantam palavras...

O governo do Sr. Epitacio envereda definitivamente pelo caminho da reação mais feroz, segundo os desejos e as ordens dos argentarios cosmopolitas que aqui armaram tenda. Muito bem. O governo que proceda como entender, dentro ou fóra da lei. Feitas todas os contas, tudo isso vem a ser, mais que indigno e revoltante, profundamente ridiculo...

Pois é no momento mesmo em que o proletariado de todo o mundo, na Europa e na America, empolga completamente a situação e faz dominar a sua vontade de classe como a suprema vontade historica do nosso tempo: no momento mesmo em que a revolução social do proletariado, triunfante na Russia imensa e invencivel, fermenta e reponta em episodios preliminares por todo o occidente europeu .. é nesse mesmo momento que o governilho deste falido Brazil burguez arreganha os dentes e pretende destroçar o movimento libertario entre nós, perseguindo arbitrariamente os melhores elementos do nosso proletariado... Oh! mas isso é ridiculo, mais que infame, infinitamente ridiculo... Que parvos!

Senhores da governança! Toda essa furia comprova apenas a vossa irremediavel incapacidade para enfrentar os graves problemas que nos angustiam a todos. Estais irrevogavelmente falidos. Perseguir idéas com a espada significa unicamente impotencia do perseguidor. Vós não tendes idéas mais justas, nem mais praticas do que as que pregamos e por isso pretendeis sufocal-as em nossa garganta... Que pretenção irrisoria!

Continuai, pois, com as perseguições! Enchei de mais odio o coração do proletario. Creai maiores simpatias para as victimas da vossa prepotencia. E depois... depois, como os tiranos da antiga Russia, aguentai com o peso da vossa estupidez, da vossa maldade bronca e espessa!

A historia, no Brazil, senhores, não percorre um curso especial e privilegiado ..

O PROTESTO DO P. C. B.

«Considerando que a policia carioca, traiçoeira e cobardemente, expulsou, no dia 5 do corrente, sete camaradas nossos:

Considerando que, mesmo do ponto de vista burguez, a policia agiu dictatorialmente, e praticou um acto atentatorio ás liberdades publicas, visto que a Constituição Brazileira, pelo art. 72, paragrafo 12, garante a manifestação do pensamento pela tribuna e pela imprensa:

Considerando que os camaradas expulsos residiam ha muitos anos no Brazil, estando por isso ao abrigo da lei que prohibe a expulsão dos estrangeiros que tiverem mais de dous anos de residencia no paiz;

Considerando que um dos deportados — o nosso abnegado com-

panheiro José Romero — além de residir ha 29 anos no Brazil, aqui constituiu familia e aqui tem uma filhinha brazileira, da qual a policia o separou cruel e deshumanamente;

Considerando que aqueles camaradas se tornaram anarquistas aqui no Brazil, devido á propagando que aqui encontraram, dos novos ideaes de redenção humana, sendo, portanto, o meio brazileiro o unico responsavel pelas idéas que hoje eles defendem;

Considerando que eles jamais tentaram, nem tentavam directamente e por factos, a efectivação imediae das suas idéas:

Considerando que não estamos em estado de sitio, e que actualmente não ha greve, achando-se a cidade em completa tranquilidade; e,

Considerando que esse recente acto de prepotencia praticado pelos galfarros da burguezia, é o começo de uma campanha qne visa arrancar-nos as já escassas liberdadas que possuimos, escassas liberdades que foram conquistadas através os seculos, pelos oprimidos de todos os tempos, á custa de muito sangue e de muito sacrificio,

O Partido Comunista do Brazil (secção do Rio), reunido em assembléa, no dia 10 de Outubro de 1919, protesta energicamente contra a ilegal expulsão daqueles sete destemidos companheiros, e declara-se solidario com o Comité de Defeza Libertaria, e lança um vehemente apelo aos trabalhadores do Brazil, para que secundem a obra desse Comité, cujo principal fim é o combate sem treguas aos capitalistas estrangeiros da imprensa e da industria, que aqui aportaram para explorar miseravelmente operarios nacionaes e estrangeiros.»

A REPATRIAÇÃO

A União Geral dos Metalurgicos fez publicar na imprensa o seguinte:

"*Aos operarios metalurgicos portuguezes*"

Os operarios portuguezes socios desta União, resolveram reclamar da Embaixada ou do Consulado Portuguez a sua imediata repatriação para a sua terra natal pois os operarios estrangeiros se encontram em face das recentes deportações sem garantias de especie alguma.

Têm sido presos, sem a menor razão que justifique tal violencia, camaradas, não lhes sendo permitido sequer dizer, talvez, o ultimo adeus aos seus estremecidos filhos e ás suas companheiras, ficando os seus ao abandono.

E' o cumulo da deshumanidade.

Esse é o motivo porque na séde desta União se encontram listas para que os metalurgicos que queiram e tenham sentimento as venham assinar quanto antes, afim de irmos pessoalmente fazer entrega das mesmas aos representantes do nosso paiz.

Outrosim, para oficiar ás associações operarias portuguezas, pondo-as ao corrente do que aqui se passa para que todo o povo trabalhador portuguez tenha pleno conhecimento das iniquidades que aqui se cometem contra os operarios e se abstenha de vir para aqui e auxiliar-nos desde já na reclamação queformulamos.—Um grupo de operarios metalurgicos portuguezes".

—

Esse movimento pela repatriação ganha vulto a cada estupidez policial.

Além desse boletim dos metalurgicos, outros varios andam circulando pelas oficinas e fabricas de industrias diversas, nos quaes se apela para os operarios portuguezes, hespanhoes e italianos para que reclamem a sua imediata repatriação, visto não haver no Brazil a menor garantia para os trabalhadores.

Numerosas listas, no mesmo sentido, estão sendo distribuidas pelas associações de classe, recolhendo assinaturas dos que desejam repatriar-se, com as respectivas familias. Os signatarios já sobem a alguns milhares.

E eis ahi está um dos resultados colhidos pela imbecilidade governamental...

A SEGUNDA LEVA...

Como já é do dominio publico, pelo Demerara seguiram os seguintes camarades Antonio Fernandes, sapateiro, 1° secretario da Federação dos Trabalhadores; José Maria Esteve, metalurgico, 2° secretario da mesma; Gumercindo Gonçalves, padeiro; Nicanor Rodrigues, maquinista; Antonio de Almeida Resolvido, padeiro; Adriano Pinto da Costa, chauffeur; Manuel M. Picon, negociante. Sobre este ultimo diz-se tambem que ficou, devido a um pedido de habeas-corpus. Igualmente alguns jornaes incluiram entre os deportados o nome do camarada Pedro Basto, sapateiro. Mas isso tudo se vai fazendo nas trévas, e não ha certeza de nada...

GRE'VES DE PROTESTO

Varias classes, marcineiros, alfaiates, marmoristas, sapateiros, num gesto espontaneo e irreprimivel de protesto, abandonaram o trabalho, ao meio dia de terça-feira e vieram para a rua demonstrar a sua não conformidade com as violencias policiaes.

Grande numero desses grevistas se dirigiu para a praça Mauá, onde devia fazer-se o embarque dos deportados.

A policia transformou aquele logradouro numa verdadeira praça de guerra.

E as brutalidades, como sempre, entraram em cena... Correrias, espadadas, espancamentos, prisões...

Não ha meio de o governo se convencer que esse argumento da força é extremamente variavel. Duma hora para outra, como se tem verificado inumeras vezes na historia, essa força penderá para o lado dos oprimidos... e então — estrebuchem depois sob o seu peso implacavel! A Republica assim se proclamou. Até 14 de novembro de 89 toda a força estava ao lado do Imperio; no dia seguinte bandeava-se para a Republica... e foi uma vez o Imperio. Hoje a força está com a Republica; amanhã estará com o Soviet..., e então conversaremos, arrogantes senhores de esmeralda e galões dourados!

BURGUEZISSIMO

Jornaes disseram esta semana que a policia anda á procura de um *anarquista italiano*, conhecido... *caften*.

Alto lá com isso!

Si o sujeito é *caften*, por isso mesmo não pode absolutamente ser *anarquista*: é um autentico e retinto burguez, honrado vagabundo, talvez ilustrado jornalista, possivelmente arguto policia.

Anarquista é que não. Aqui não ha cachorros dessa repugnantissima especie burgueza...

ASTRALISSIMOS PASTRANAS

O orgam da maluqueira rendentorica e picareteante não perde vaza para intrigar os anarquistas com os trabalhadores. Mas perde o seu mau tempo. Os anarquistas já existiam antes da *Razão* e hão de existir depois da *Razão*. A burguezia tem os dias contados; jornal burguezissimo, com ela tem tambem a *Razão* os seus dias contadissimos. Para nós anarquistas, ao contrario, essa é a éra nossa que se abre na historia... Perde a *Razão* o tempinho. Já os trabalhadores estão fartos de saber que aquilo na rua da Quitanda é um bando de velhacos e trampolineiros e não lhe vão nas aguas.

Vilissimos e astralissimos pastranas!

UNANIME VENALIDADE...

E' toda a imprensa graúda, sem uma unica excepção, a bater palmas á infamia policial... Nem uma voz se levanta, do meio desse charco da Opinião Publica, para verberar o inominavel atentado ás liberdades do cidadão. E' a cobardia generalizada, a unanimidade no venalismo...

Vendidos e cobardes! Cem vezes cobardes! mil vezes vendidos!

Mes sobre o charco dessa torpe unanimidade, havemos, sós e isolados, de bradar o nosso grito de revolta... Poderão esmagar-nos, vencer-nos momentaneamente... mas não nos renderemos: emquanto palpitar nas nossas veias uma gota de sangue, o nosso clamor indignado se ha de fazer ouvir!

"O Cristo das Nações"

Subordinada a este titulo, uma importante conferencia cientifica será feita hoje no Centro Cosmopolita, pelo jornalista ukraino José Stefanovitch Schpetkó.

Stefanovitch é um intelectual notavel, romancista, professor, musicista, falando diversas linguas, e na Ukraina sempre militou nas fileiras liberaes, tendo por isso sofrido inumeras perseguições.

Ha já varios anos que se encontra no Brazil e agora pretende, com as suas conferencias, angariar recursos que lhe permitam regressar á terra natal.

Recomendamos aos nossos camaradas e amigos que vão assistir á conferencia de Stefanovitch, que destinou uma boa percentagem do seu producto em beneficio de *Spártacus*.

A entrada é de 1$000. Hora: 8 da noite.

OS DESEJABILISSIMOS

O' Brazil propriedade de banqueiros, industriaes e traficantes da alta pirataria cosmopolita

Indesejaveis para os governantes, e como taes são expulsos os trabalhadores honestos e altivos, que ao Brazil vieram trazer o concurso precioso dos seus musculos fecundos e das suas inteligencias esclarecidas, colaborando comnosco no verdadeiro engradecimento enonomico do paiz e na obra de libertação social do nosso povo... Emquanto isso, aos olhos benevolos desses mesmos governantes usurpadores dos destinos nacionaes, vão os abutres da finança cosmopolita se assenhoreando comodamente das nossas riquezas, lançando sobre o nosso povo incauto os tentaculos da subjugação colonial e aviltante.

Não faltam os exemplos, que se multiplicam todos os dias.

Ainda ha pouco *O Imparcial* (que de resto tem um socio estrangeiro) denunciou, em artigo de fundo, sob o titulo felicissimo — *O cabresto de ouro*, uma das modalidades mais caracteristicas dessa subjugação. Leiam isto:

"Muito frequentemente os bancos norte-americanos, quando abrem credito a negociantes, assumem sobre estes uma verdadeira tutela. Exigem que tudo recebam e tudo paguem por intermedio deles, que lhes permitam uma completa fiscalização de todos os negocios.— Assim, o incauto que julga ir fazer apenas uma operação comercial, vai na realidade comprar um intrometido tutor, que lhe põe á boca um cabresto de ouro e o leva para onde lhe parece bem.—Isso nem sempre se faz ao principio. — Ao principio, emquanto o negociante está em uma situação folgada, o banco não se atreve a fazer lhe exigencias. Mas a vida comercial tem altos e baixos. Lá vem um dia em que o negociante se vê em qualquer embaraço. O banco o tira dele, mas põe-lhe imediatamente o cabresto."

E si isto se pratica com os proprios graudos do comercio, no fim de contas parceiros e correligionarios na honrada espoliação do povo, imagine-se o modo de proceder dos gaviões estrangeiros em se tratando dos pintainhos e garnizés do trabalho...

Mas neste caso são tambem os negociantes, victimas suas noutras circumstancias, e com eles *O Imparcial*, a bater as mais calorosas palmas de apoio e aprovação!

—

A famosa Leopoldina ocupa, já de tradição, um dos mais altos lugares entre as grandes emprezas estrangeiras donas do Brazil. E é bem conhecida a maneira com que a poderosa companhia ingleza trata o publico que a sustenta e enriquece nababescamente os seus acionistas. Mas peor que isso é o tratamento que ela proporciona aos seus empregados, aos braços que a movem e movimentam. Poucas classes de trabalhadores no Brazil são tão miseravelmente exploradas como a dos empregados da Leopoldina.

Aqui vai uma amostra, para a qual chamamos a especial atenção de nacionalistas, patriotas, nativistas e jacobinos...

Acuados pela carestia tremenda que asfixia o pobre, os empregados da honrada empreza dirigiram á direção suprema da Leopoldina, em Londres, um pedido de aumento nos seus minguados e insuficientes vencimentos.

Muito bem! Os directores supremos ordenaram, de lá, aos seus prepostos no Brazil, que aumentassem os salarios aos seus servidores.

Muitissimo bem! Os prepostos no Brazil da suprema direção da Leopoldina, obedientes e até comovidos pela bondade e magnanimidade dos patrões, imediatamente aumentaram os vencimentos de todos os seus empregados... inglezes!

Quanto aos trabalhadores brazileiros... oh! esses gecas que não bugiem... Para que diabo existem sinão para trabalhar como bestas em beneficio dos grandes financeiros que, da Europa, nos prestam o inestimavel obsequio de manter no Brazil grandes emprezas fomentadoras da riqueza nacional... que eles financeiros canalizam para as suas vastas burras? E muito submissos ali na canga, porque, ao primeiro sinal de revolta, a policia, o exercito, os ministros, o presidente, os jornalistas e todos os demais patriotas do alto ahi estão para esmagar com pulso de ferro o geca atrevidaço e rebelado.

—

Segundo uma noticia perdida no *Jornal do Brazil* de 20 de setembro ultimo, o Crédit Foncier comprou por 2.500 contos, á Brazil Railway, os terrenos do antigo Convento da Ajuda, para, ao que parece, construir nesse local um grande hotel.

E assim, a peso de ouro, vão os piratas da finança internacional comprando o Brazil aos pedaços...

Si me não engano totalmente, essa Brazil Railway é a companhia que tem como principal manejador o famoso Farquhar, talvez o maior dos *brasseurs d'affaires* estrangeiros existentes no Brazil.

Naturalmente essa venda de agora, por 2.500 contos, lhe rendeu grandes lucros, sahidos dos cofres do Crédit Foncier, que por sua vez os acumulou na ignobil exploração bancaria. Mas esses estrangeiros são todos desejabilissimos — *et pour cause* — e as suas traficancias, longe de lhes crear demeritos, mais os exalça na compungida admiração de governantes e jornalistas...

—

Rumo ao campo!

Esta é uma das exclamações predilectas dos patriotas da Avenida. O Brazil é imenso e os nossos campos necessitam, primeiro que tudo, de braços que os lavrem. E nesse tom e por essa bitola, seguem-se objurgatorias á ogeriza do brazileiro pela lavoura e conselhos aos que não encontram trabalho na cidade... A par disso, literatura e conversa fiada sobre o miseravel Geca Tatú, meu patricio roido de enfermidade e mandriice.

Mas como havemos, os trabalhadores nacionaes, de nos dedicar á lavoura, si as terras do Brazil não nos pertencem?

Eis alguns exemplos:

Um milhão de hectares á margem do Rio Paraguay pertence á Companhia Fomento Argentino, com séde em Buenos Aires, tendo na presidencia o senador Benito Villenueva e, como tezoureiro, o coronel Urquiza, oficial reformado do exercito argentino.

A' margem do Alto Paraná e entre as serras do Amambahy e Maracajú existe uma area de 400 leguas quadradas arrendada á Companhia Argentina Matte-Laranjeira, tambem com séde em Buenos Aires.

A Companhia Mate-Laranjeira foi originariamente brazileira. Mas veiu o estrangeiro desejavel e com o seu ouro comprou a. Possue actualmente o monopolio exclusivo da extração da herva-mate e de todas as riquezas naturaes daquela imensa superficie.

Os transportes desses productos haviam de ser feitos pelo Paraná abaixo. Mas antepunha-se-lhes um obstaculo insuperavel — o grande salto das Sete Quédas. A Companhia dirigiu-se então ao governo do Estado do Paraná e obteve—como não atender a estes opulentos estrangeiros desejaveis? — e obteve, por sessenta anos, a concessão de uma estrada de ferro, ligando Porto-Monjoli a Porto-Mendes, isto é, o Alto ao Baixo Paraná.

Essa estrada, que interessa ao trafego de Mato Grosso, S. Paulo e Paraná e as relações comerciaes desses estados com os povos ribeirinhos do Prata e seus afluentes, paraguaios, uruguaios e argentinos, é monopolio exclusivo da companhia proprietaria. Um brazileiro, descendo o Paraná, só passará abaixo das Sete Quédas, si o administrador de Porto-Monjoli lhe conceder, como graça, essa permissão.

A partir das Sete Quédas, em direitura ao Sul, toda a margem do Alto Paraná até á foz do Iguassú está igualmente em mãos de capitalistas argentinos. São grandes lotes, concedidos pelos nossos patrioticos governos, para a extração do mate e para a exploração de madeiras de lei.

E não falemos nas horriveis condições de trabalho em todas essas regiões. São famosos os tragicos sofrimentos a que estão sujeitos os trabalhadores nos hervaes. Este é um capitulo ainda a estudar, e que deixará longe de vista a *Vida tragica dos Trabalhadores*, dos irmãos Boneff...

Fal-o-ei talvez mais tarde. Por agora o que me preocupa é mostrar aos ardorosos patrioteiros do asfalto, que vivem a encher a boca com o *seu* Brazil, que de facto o Brazil pertence, não aos brazileiros, mas aos banqueiros, industriaes e traficantes da alta pirataria cosmopolita. Ahi ficam alguns documentos. Hei de mostrar outros não menos comprobantes.

Geca Vermelho

A falencia da democracia, com ser a falencia da ultima forma de governo, constitue uma prova irrecusavel da incapacidade da organização social autoritaria para prover ao bem estar dos homens.—DEMOFILO.

ORA BOLAS!...

Domingo ultimo veiu-me ter ás mãos um numero do jornalzinho «Raios de Luz», que não chega a ter um palmo de comprimento. Editado em Lavrinhas, Estado de S. Paulo, traz ele como sub titulo esta frase significativa: —«Auxilium Christianorum...»

Por ela se vê logo do que trata o «Raios de Luz»; mas, como era domingo e o tempo me sobrava, tive a pachorra de lêr o que continha o referido periodico e, logo á primeira vista, achei muita graça no artiguelho intitulado — «O Rozario».

Lá diz o *articulista christianorum*: "na choupana, á luz da candeia, as contas do Rosario deslisam pelos dedos nodosos e encarquilhados do pobre velho — é o livro dos cégos, dos que não sabem lêr.»

Comentemos o periodo. O pobre velho, a morrer de fome e de frio, lá está no fundo da choupano a contar as bolas do rosario... Oh! quem déra (aos padres, já se vê) que toda a humanidade ao sentir fome se puzesse a contar bolas! O diabo é que a humanidade não está pelos autos e ao envéz de contar bolas, como o velhinho do conto, atira outra especie de bolas, de umas que estouram, sobre os patifes que até hoje a iludiram com bolas e rosarios, imagens e bentinhos, cristos e anjos bentos...

Mais abaixo li este *esplendido* periodo: — "O sabio, cançado de contar estrelas ou microbios vae contar as bolas do seu rozario — a solução mais consoladora para os maiores problemas da vida."

Palavra de honra! que isso é deboche grosso ao Dr. Morize, o ilustre director do Observatorio; eu, francamente, não acredito que S. S. recorra ao rozario para encontrar qualquer solução para os seus calculos meteorologicos.

Pensei tambem que isso que acima transcrevi fosse uma formidavel troça ao comendador Katespero, porque, sendo ele um sabio nos assuntos espiritas, não necessita, provavelmente, de recorrer ao rozario para resolver os seus astraes problemas da metempsicose...

Esse negocio do sabio que recorre ás bolas deu-me tratos á bola; mas, depois de muitas locubrações, depois de muito matutar cheguei a uma conclusão que se me afigurava a mais razoavel. Eureka! exclamei eu, imitando o celebre geometra de Siracusa, eureka!

Ecce homo! E' um ilustre deputado pernambucano, que, dizem, é um sabio na questão social e creio até que está á frente desse grupo de *abnegados patriotas* que estão tentando arregimentar os operarios catolicos, pertencendo tambem, si não me falha a memoria, á comissão de legislação social.

Tenho todas as razões para acreditar seja ele o sabio que conta as bolas, porque sei que S. Exa. tem um rozario, todo de bolinhas brancas, que sempre o acompanha; esse rozario ele mandou-o comprar ha tempos por um guarda civil que estava ás suas ordens (todos os deputados têm um guarda, pele menos um, ás ordens) e nessa ocasião tive oportunidade de saber que o ilustre *pae da patria* confia cegamente na eficacia dos rozarios...

Terminando, chego a este resultado: — o articulista dos "Raios de Luz" quiz ser agradavel ao ilustre carola e então arranjou aquela historia do sabio que conta as bolas e, assim, carambolando por tabela, chamou o homem de sabio...

Ora bolas!

Bruno Chirosz.

A GREVE DO AÇO

Este artigo, que por falta de espaço não sahiu no numero anterior, foi o ultimo dos que escreveu Fernandes para *Spártacus*. A estas horas, mercê das violencias policiaes, vai longe o bom e activissimo camarada, numa viagem forçada a bordo do «Demerara». Fique, nestas linhas, a expressão da nossa amizade e da nossa solidariedade — extensivas, claro, a todos os seus companheiros de perseguição.

A gréve dos operarios das industrias de aço dos Estados-Unidos, é entudo semelhante á dos ferro viarios inglezes, a julgar pelos telegramas publicados pela imprensa. A mesma luta dos trabalhadores com o governo e com os trusts que assolam aquele paiz. Não podemos tirar uma conclusão exacta da extensão alcançada por essa gréve, mas é provavel que ela tenha ultrapassado os calculos mais otimistas que se possam fazer a esse respeito, si tivermos em vista o pavor de que estão tomados todos os grandes acionistas das grandes companhias norte-americanas.

A luta que está travada entre o capital e trabalho tem tradições gloriosas na terra de *Tio Sam*, tendo já em outras epocas atingido proporções formidaveis que nos dão motivo para acrediiar que, dado o grão de elevação moral e intelectual dos trabalhadores, o conflicto que ora se desenvolve tenha assumido feição de verdadeira batalha entre dous exercitos que se defrontam; isto se percebe, embora vagamente, pelas noticias das escaramuças e pequenos combates entre operarios e a policia, que defende cégamente o interesse dos capitalistas *yankees*.

Certamente que os policiaes arregimentados para defender as propriedades dos multimilionarios, não desempenhem essa nefanda missão sinão por uma remuneração avultada, que terá fatalmente de sair dos lucros auferidos com a agiotagem sobre a produção. Mas desde que a produção está anormalizada, e a manutenção de um exercito de mercenarios se prolonga por muito tempo, os capitalistas começam a sentir a necessidade de fazer os serviços policiaes por si proprios e dirigir as maquinas porque os operarios se recusam a isso.

E' o que se está dando na America do Norte.

Ha tempos uma reportagem, enviada a um jornal desta cidade, trazia uma lista dos capitalistas que desempenhavam cargos policiaes, sem rumuneração alguma. Agora acabam de chegar informações, com fotografias, de um novo aparelho inventado para suprimir o braço operario do trabalho de carga e descarga, manobrando com esses aparelhos os proprios directores das companhias.

Eis ahi a prova de que o movimento operario nos Estados Unidos é mais extenso do que se pretende fazer crer e terá como certo o concurso dos que hoje exercem a função de policias, porque, afinal, hão de comprehender que tambem são vilmente explorados.

Um dos objectivos dos metalurgicos grévistas, é derrubar Gompers da presidencia da Federação Americana do Trabalho, pois sabem que ele é um aliado de Wilson e seus comparsas, constituindo um grande obstaculo para o movimento revolucionario no continente americano.

Estamos convencidos: em vão procuram os governos uma fórmula para estabilizar o regimen existente. A conferencia que se vai realizar em Washington não resolverá o problema que tanto atormenta a burguezia, sendo muito provavel que contribua grandemente para definir mais as atitudes e dividir os campos para a luta final.

Antonio Fernandes

A lei, com os seus tribunaes, os seus magistrados, a sua policia, a força militar sobre que se apoia, as suas prisões, as suas forcas e as suas chicotadas, nada mais é que um gigantesco instrumento de violencias.—CARPENTER.

Pontos de vista

O sr. Nuno de Andrade julga, e julga coherentemente, que qualquer lei dos indesejaveis, qualquer lei de expulsão, qualquer lei de residencia vai de encontro á Constituição de 24 de Fevereiro. Não ha sofisma nem subtileza de interpretação que torça o sentido clarissimo do dispositivo constitucional. Mas o sr. Nuno de Andrade, coherente com o seu constitucionalismo, não é menos coherente com o seu burguezismo. Com efeito, ele é um inimigo feroz e irreductivel do anarquismo. Para ele a burguezia deve empregar o ferro e o fogo contra os anarquistas, na defeza da ordem burgueza. E, coherentemente, préga a necessidade destas duas medidas preliminares: um estado de sitio imediato e a refórma constitucional. Com um estado de sitio imediato e especial para os anarquistas, poderia o governo agir desembaraçadamente e definitivamente. Com a refórma constitucional, pôr-se-iam restricções á excessiva liberalidade dos constituintes de 92 e tornar-se-ia então perfeitamente defensavel uma legislação contra os indesejaveis. E' uma argumentação irrebativel, do ponto de vista burguez...

Vejamol-a, porém, de um ponto de vista mais alto, mais humano.

Dentro da Constituição republicana actual, não ha meio algum legal de combate á propaganda das idéas anarquistas, ou de quaesquer outras idéas. A lei de expulsão de 1907, como a lei de 1913, como o projecto de lei dos indesejaveis, presentemente na forja parlamentar, vão todas de encontro á letra e ao espirito da Carta basica do regimen. E não falemos na ação arbitraria e brutal da policia... Resta, pois, o estado de sitio, como unica medida eficaz. Mas a necessidade e o emprego do estado de sitio, pelos governantes, vale por uma prova evidentissima da inutilidade da Constituição e de todas as demais leis do regimen. Si com estas e dentro daquela, não pode o regimen vigente defender-se com eficacia, isso quer dizer que esse regimen está construido sobre bases d'uma alarmante fragilidade. outras palavras, positivas e directas: a Republica Brazileira, com a sua Constituição e as suas leis, é apenas uma carangueijola malamanhada, insegura e imprestavel... E' o que nós, anarquistas, estamos fartos de afirmar.

Diante do lamentavel fracasso constitucional, o sr. Nuno de Almeida apela, de resto logicamente, para a refórma. Muito bem. Mas ha aqui uma vultuosa consideração a fazer. Si a burguezia governante, que constitue uma minoria insignificante da população brazileira, tem o direito de reformar as bases do regimen, não ha logica nem criterio decente no mundo que possam negar esse mesmo direito á maioria da população. Não me venham dizer que aquela minoria, por obra e graça do sufragio universal, representa a vontade desta maioria. E' uma falsidade mil vezes demonstradissima, principalmente no Brazil. Ficamos, pois, neste pé: a quem cabe o legitimo direito de reformar o regimen—á minoria, ou á maioria? Si se reconhece que á minoria, digam-n'o francamente os senhores republicanos, e acabemos de vez com essa farça de republica e democracia, governo do povo pelo povo, e outras lerias. Tenha então a burguezia a coragem da sua posição e afirme abertamente que o Brazil é propriedade sua, que só ela manda no Brazil e que o povo lhe deve integral obediencia, e nada mais. Si, porém, se reconhece um tal direito á maioria, eu pergunto: no caso desta maioria desejar uma refórma completa no regimen, modificando o actual sistema dito republicano por um sistema sovietista, como o da Russia, realizado pela maioria do povo russo, — conformar-se-á com isso a minoria burgueza?

Logicamente devia conformar-se. Mas de facto não se conformará. Ora, como eu estou convencido de que a maioria do povo, sinão ainda conscientemente, instinctivamente deseja estabelecer no Brazil um regimen libertario semelhante ao da Russia, e como sei que a minoria governante não se conforma com isso, eis porque eu prego a necessidade de uma revolução popular contra a burguezia e a sua republica. De resto, como propagandista liberterio, limito-me a seguir, neste ponto, o exemplo e a ação dos propagandistas republicanos, nos ominosos tempos de Pedro II...

Aurelio Corvino.

A José Romero

A ti, belo camarada e magnanimo amigo, a quem a prepotencia dos lacaios do capitalismo acaba de ferir com a brutalidade de uma insolita e covarde expulsão desta terra, onde mourejavas ha 29 anos, a ti venho trazer-te o meu sincero voto de solidariedade, alevantando bem alto o meu brado de protesto contra os processos indecorosos, urdidos nas trevas pela camarilha sinistra que infelicita esta grande e bôa terra, que é a minha e que já era a tua, a da tua companheira e a da tua filhinha!

Tu, abnegado lutador, que jamais hesitaste ir até ao sacrificio da propria vida defendendo o ideal libertario, embora longe de nós, continúas a viver dentro do nosso intimo e teu nome será para nós como que um lábaro de revolta contra os golpes covardes e traiçoeiros que contra nós queiram desferir o capitalismo ou os seus abjectos sequazes.

Quanto á tua ação, sabemol-o, continuará a ser a mesma: —fecunda e proveitosa; aonde fôres ter ahi serás util ao nosso ideal e por isso, embora lamentando a ausencia temporaria da tua excelente pessôa, estamos certos que continuarás a trabalhar, incessantemente, pelo advento da Revolução Social que ha de vir, custe o que custar, livrar o mundo das garras aduncas dos abutres do capitalismo.

Sim! que importa a expulsão?! No desespero de naufragos os dominadores do mundo, impossibilitados de deter a marcha vertiginosa da idéa libertaria, apavorados com a avalanche tremenda que dia a dia mais se avoluma, encarceram, manietam, assassinam; e expulsam... de um paiz para outro paiz!...

Delira a desgraçada burguezia! Deixai-a delirar, que é o delirio de morte que já se apoderou dela: são as vascas da morte a corroer-lhe as putridas entranhas e ela, fatalmente, morrerá envenenada pelas suas proprias mãos!

Prosegue, amigo, prosegue na tua obra grandiosa, pois que, talvez muito em breve, aqui estejas a assistir aos ultimos arrancos desta sociedade infame e corrompida!

J. Cruz

Os anarquistas brazileiros ao povo

Temos a registrar mais as seguintes adesões ao manifesto publicado em nosso n: 9:

Do Rio: Manoel Herculano dos Santos, negociante; Mauricio Berger, guarda-livros; Ruben Elisabeth, empregado de escritorio. Errata: no n. passado sahiu Manoel Alves de Souza, grafico, quando deve ser Manoel Alves de Jesus, grafico.

De S. Paulo: João da Costa Pimenta, hrafico; Isabel Cerruti.

SALÃO LIBERDADE

Um ensaio de livre organização do trabalho

Publicamos a seguir as bases de accordo e o regulamento organizados selos camaradas fundadores do salão de barbeiro da rua José Mauricio 41. E' um documento interessante, como prova de esforça libertario e de capacidade organizadora.

Bases de accordo

Nós abaixo assinados, proprietarios do salão de barbeiros, sito á rua José Mauricio, 41, estabelecemos como base de acordo o seguinte programa que será por nós respeitado dentro das nossas atribuições.

1° Ficam os doze socios fundadores constituidos em Conselho Administrativo, o qual se reunirá semanalmente para tratar de todas as questões referentes ao salão.

2° O Conselho resolve nomear um Administrador para as pequenas e imediatas questões atinentes a compras, vendas, limpezas do salão, observação do regulamento em vigor e todos os actos que dependam de solução imediata sem ferir os interesses da firma.

3° O Conselho nomea igualmente um Tezoureiro, que será responsavel pela féria diaria, a qual será entregue ao Administrador depois de conferida sinão por todos, ao menos pela maioria dos socios.

4° O Conselho nomea ainda um Escriturario, para fazer a escrita geral da firma, não podendo em nenhuma hipotese recahirem essas nomeações (Administrador, Tezoureiro e Escriturario) em pessoas extranhas á firma ou á sociedade.

5° O Conselho estabelece para a harmonia dentro do salão o seguinte:

a) O Administrador fará a distribuição da limpeza por turnos;

b) Todos se obrigam a respeitar dentro dessas bases as obrigações por elas estatuidas;

c) A abertura do salão será ás 8 horas;

d) Reunir-se extraordinariamente por deliberação de qualquer de seus membros sempre que haja necessidade de corrigir qualquer falta entre os seus componentes;

e) Cumprir no que for possivel dentro dos principios liberaes as resoluções emanadas da União dos Oficiaes de Barbeiro;

f) Ninguem poderá retirar da caixa mais de 50 % do que tiver produzido;

g) Para o almoço, não deverá o socio demorar-se mais de hora e meia;

h) Para conversar com qualquer freguez ou pessoa particular não devem os socios fazer grupos na porta do estabelecimento, tendo o Administrador o dever de observar ao socio quando isso se verifique.

6° Qualquer associação operaria quando em greve, os socios da mesma mediante uma declaração por escrito da secretaria e desde que provem com recibo ou carteira de identidade social, estar necessitados, não pagarão o trabalho de que venham a precisar.

7° O Administrador do salão será sempre o que tiver a responsabilidade do nosso contracto, podendo ser dispensado em qualquer tempo quando o Conselho o delibere e tenha outro que esteja nas condições de tomar essa responsabilidade.

8° Só em caso de extrema necessidade serão diminuidos os socios fundadores, não podendo nunca, emquanto fizer para despezas e ordenados regulares, haver diminuição de membros da nossa sociedade.

9° Em nenhum caso o salão poderá pertencer a quem pretenda explorar com ordenados a outro barbeiro; isto é, a quem se proponha a ser patrão, podendo ser, quando o Conselho o determinar, substituido o socio que não possa continuar:

a) por morte;

b) por doença que o invalide;

c) por falta grave que o inhabilite, a criterio do Conselho, de ser mais socio da nossa firma.

10° As questões não previstas serão discutidas em reunião do Conselho e aplicadas de acordo com as suas resoluções, podendo este regulamento em qualquer época ser alterado, sempre que essa alteração não seja contraria á sua essencia.

11° O dinheiro que se produza depois de pagas as dividas da nossa firma, retirados os ordenados de acordo com o memorial da União dos Oficiaes de Barbeiro será posto em caixa ou num banco, a criterio do Conselho, para, logo que se possa, estabelecer outros salões destinados a novos socios, de acordo com os principios aqui exarados.

12° O Tezoureiro regulará o melhor meio de prestarmos contas da fèria diaria, facilitando o seu encorporamento á feria bruta e estabelecendo o "returno".

13° Duas vezes por mez o Administrador prestará contas da féria existente e despezas para que o Conselho resolva com acerto as questões afectas ao desenvolvimento e progresso da sociedade.

14° Qualquer membro da administração do estabelecimento póde ser dispensado sem que deixe a sociedade e em caso de falta, o socio comunicará, para não lhe ser descontado o dia, o motivo (doença, obrigações ou outro impedimento aceitavel pelo Conselho).

—

Regulamento de Admissão de novos socios por motivo de aumento da sociedade ou para preenchimento de vagas

1° O socio poderá ser aceito desde que satisfaça a quantia estabelecida pelos gastos já feitos, de uma só vez, ou a prestações a criterio do Conselho.

2° O pretendente a socio depois de ouvir a leitura do regulamento deve assinar o contracto e submeter-se ao seu estatuido.

3° Todas as assinaturas serão registradas num tabelionato para mutua segurança dos membros da sociedade.

4° O capital de cada socio será em partes iguaes e o que não o tenha feito, fará por prestação, tendo o que entrar com importancia maior do que tinha a fazer, o direito de receber do Administrador, como o Conselho o determine, o resto que empregou a beneficio da firma social.

Assinados.

José Vieira Leite—Administrador Geral.

Modesto Ruas—Tezoureiro diario.

Raul Cardoso de Freitas—Escriturario.

Membros do Conselho — **Adalberto Vianna — Jek Kaim — Joaquim Nascimento Moraes — Arnaldo da Paixão Martins — Manoel Gonçalves — José Pereira da Costa — Anacleto Ramos Machado — Sabatto Schiavo — Antonio Pinto de Souza.**

Boletim da guerra social

Através os telegramas da semana

Na França

Os acontecimentos desenrolados nestes ultimos dias em Brest e Marselha vêm mais uma vez demonstrar claramente que a embriaguez da victoria não conseguiu corromper a mentalidade do operariado francez. As gréves pacificas, méro protesto platonico, de que chasqueavam capitalistas e governantes, são agora substituidas por actos francamente revolucionarios, que encerram em si alcance bem significativo.

Sobre os sucessos, eis o que nos diz um despacho telegrafico estampado, ha dias, por um diario desta capital:

"PARIS, 13 (U. P.)—Comunicam de Brest que a greve geral ali está assumindo proporções alarmantes, de caracter revolucionario. Grupos de grevistas patrulham as ruas do porto, dando vivas aos soviets russos e entoando canticos revolucionarios.

Foram enviados para Brest reforços de tropas do governo para acalmar os animos e restabelecer a ordem. Os grevistas, em grande numero, saqueiam as lojas. Todos os teatros, cafés e lojas fecham-se á noite.

As lutas entre os grevistas e a policia são muito frequentes. Em uma rua foram totalmente destruidas todas as casas comerciaes. Foram atiradas pedras ás janelas de edificios particulares, quebrando todos os vidros. Têm havido muitos acidentes, mas não se registraram mortes. Foram feitas varias tentativas para estabelecer em Brest o regimen soviet. As tropas americanas, que se acham em Brest aguardando embarque para os Estados Unidos, não foram molestadas."

Eis ahi está a que estado de exasperação vão levando o povo as ganancias e as explorações dos açambarcadores do comercio, da industria e do governo, que agem de comum acôrdo todo tres, quando se trata de escorchar e extorquir a massa trabalhadora.

E de desespero em desespero, de revolta em revolta, não é dificil prever na França um novo regimen social, semelhante ao que os bolchevistas implantaram na Russia. E era uma vez as garras do czar-mirim Clemenceau, o velho tigre sanguisedento...

Na Inglaterra

Que o maximalismo vae captando adeptos e simpatias em todo o mundo civilizado, provam-n'o quotidianamente, com exuberancia, si bem que truncadas e falsas muitas vezes, as noticias telegraficas e as correspondencias da imprensa, não obstante o empenho da burguezia em ocultar ao povo o que realmente existe de verdade a respeito da fórma societaria sob que se regem as populações moscovitas. Hontem foi o Congresso Socialista, realisado em Bolonha, aderindo ao maximalismo; hoje é o Partido Socialista Inglez que resolve, por grande maioria de seus membros, ligar-se á Terceira Internacional Comunista, estabelecida em Moscou.

Por que motivos essa simpatia universal que inspira a causa maximalista? Um motivo, entre os mais: porque a obra maximalista, a julgar pelos conhecimentos que dela possuimos, concretiza as aspirações indefinidas das classes populares, que vêm lutando, através os seculos, pela instauração definitiva na terra do reinado da justiça.

No Japão

Ha cerca de um mez publicaram os jornaes correspondencias telegraficas referentes ao incremento que no Japão estavam tomando as idéas socialistas, não só entre o operariado como tambem entre a classe intelectual. Não era para admirar tal facto: as idéas avançadas no Japão têm sido semeadas em terreno adubado de sangue generoso de varios partidarios da Anarquia. Agora o telegrafo nos põe ao corrente da grave crise economica por que atravessa nesses dias de esperanças o imperio japonez, motivada, principalmente, pelo custo elevado do arroz, que é, como se sabe, a alimentação basica da população niponica.

Têm surgido inumeros protestos por parte do povo, já cançado de suportar as continuas explorações de que é vicfima.

E um jornal japonez a respeito da crise escreveu: "A situação não admite delongas; precisa ser resolvida quanto antes, pois, já ha gente com fome. O aumento consideravel dos preços está se transformando num regimen de terror."

Como as autoridades cá da nossa colonia ingleza, é natural que as autoridades governantes do Japão sufoquem á bala os protestos da população esfaimada, defendendo a unhas e dentes e fuzis as sagradas propriedades dos «profiteurs» que, como os de cá, hão de ser tão vasios de escrupulos quanto cheios de patriotismo *desinteressado*.

Todos os valores destinados a Spártacus, *sejam em vales postaes, sejam em carta registrada, devem ser de ora em diante endereçados exclusivamente a nome de Astrojildo Pereira, Caixa Postal 1936, Rio.*

A escravidão dos homens é uma consequencia das leis que foram estabelecidas pelos governos. Ora, para libertar os homens ha apenas um unico meio: destruir os governos. — LEÃO TOLTSOI.

---

13 de outubro

Não passou despercebida entre nós a data sinistra que recorda o fuzilamento de Ferrer.

Duas excelentes reuniões se realizaram nesse dia, promovidas pelo Partido Comunista do Brazil.

A primeira se efectuou na séde da Aliança dos O. em Calçado, falando o camarada Carlos Dias, sobre «Ferrer, sua vida e sua obra». A sala estava cheia e o orador foi aplaudidissimo.

A segunda teve lugar na séde dos Tecelões. O vasto salão literalmente apinhado. O professor Manoel Bomfim discorreu sobre «A instrução popular como reivindicação dos trabalhadores». Palavra facil e seductora, a conferencia do ilustre educador agradou imenso. Falou tambem o camarada Oiticica, cujas observações vão resumidas no seu artigo de hoje.

A reação se estende...

Chegou-nos ás mãos, ante-hontem á tarde, o seguinte telegrama de S. Paulo:

«Policia aprehendeu a edição de hoje de *A Plebe*, varejando redação e oficinas.—Editores».

E' a reação que extensifica e intensifica...

Trabalhadores do Brazil, a pé! As nossas liberdades estão em perigo!

Em Cruzeiro

Por motivo do fracasso da ultima gréve da Sul-Mineira, grande numero dos trabalhadores mais conscientes dessa empreza têm sido demitidos.

O capitalista vinga-se, desse modo, das derrotas sofridas anteriormente. E deshumanamente, são postos na rua numerosos chefes de familia.

A União Operaria 1° de Maio, a valente organização proletaria de Cruzeiro, apela para os trabalhadores do Rio para que não aceitem trabalho nessa empreza. Seria concorrer para fortificar a companhia na sua ignobil perseguição aos operarios altivos.

E' claro que endossamos plenamente um tão justo apelo.

Sintomatico...

...e significativo foi o valor da manifestação de... despreso com que os trabalhadores, reunidos na praça publica no ultimo domingo, receberam o fotografo do redentorico orgam dito "dos mesmos trabalhadores.

Reunidos no Largo de São Domingos para protestar contra seus verdugos, por terem estes expulso sete trabalhadores honrados, muito mais honrados que certos jornalistas, os trabalhadores foram submetidos a uma revista geral afim de atenderem a uma *disposição do Codigo Penal*.

Verificado que não havia *bombas*—unico pesadelo dos *valientes* defensores do actual estado de coisas podres em que vivemos, nós e eles, chafurdados—os oradores dispunham-se a começar o comicio, quando sobe a uma escada o muito digno representante do não menos digno orgam das classes operarias e diz: «atenção rapaziada, é a *Razão*.» —«E' a *Razão*, abaixem a cabeça,» responde imediatamente uma vóz. — «Virem as costas, virem as costas» responde outra. E ainda outra vóz repetiu: «Ela temnos apunhalado pelas costas, portanto, que nos fotografe pelas costas».

E todos os presentes excepto a policia — durante uns cinco minutos mais ou menos deixaram o pobre fotografo,— que, de resto, não é culpado do velhaquismo dos seus patrões, —um tanto desconcertado, tendo que descer sem fazer funcionar a sua «objectiva».

Belo gesto, não ha duvida...

E' uma prova de que os trabalhadores já vão comprehendendo o valor da tal *força em si* e da *materia em si* pregada pelos *zastraes*...

Sim, outro gesto seria uma lamentavel incoherencia, pois não se pode admitir que os operarios se deixassem fotografar para um jornal que foi um dos principaes causadores da dôr que os afligia naquele momento, por ter instigado o governo á pratica de tal infamia. Não se pode admitir que os operarios de boamente dessem a mascara para sahir num jornal que mantem no seu corpo de reporteres do movimento operario, um emulo de Joaquim Campos, que está incumbido de indicar á policia os militantes mais activos das organizações operarias.

Portanto, que a *Razão* tome esta lição e espere pelo resto que, tardará, é certo, mas chegará.—DE OLIVEIRA.

Brochuras de propaganda

Dictadura policial—por Astrojildo Pereira $200

—

A familia em regimen comunista—trecho varios—edição da Liga Comunista Feminina $100

—

Ferrer como educador—conferencia realizada na Escola Moderna de Porto Alegre—por Leopoldo Bettiol $200

—

No Café—por Errico Malatesta $400

—

O que é o maximismo ou bolchevismo—Programa comunista —por Helio Negro e Edgard Leuenroth—um belo volume de 128 paginas . . . . 1$000

—

Vendem-se nesta redação

“A barbaria bolchevista”

A educação, as letras, as ciencias, as artes na Republica dos Soviets

(Conclusão)

Livros! Bibliotecas! Edições! Reimpressões!

Os algarismos seguintes representam, em grosso, o aumento do numero de bibliotecas.

Em outubro de 1917, havia 23 bibliotecas em Petrogrado e 30 em Moscou. Hoje ha 49 em Petrogrado e 85 em Moscou, sem contar uma centena de centros de distribuição de livros.

O mesmo aumento se observa na provincia. No districto de Usolski, por exemplo, ha 73 bibliotecas de aldeia, 35 bibliotecas maiores e 500 salas de leitura.

Em Moscou a as instituições de educação, sem contar as escolas, passaram de 369 a 1.357.

Ha, no comissariado, departamentos especiaes encarregados da circulação dos livros, e a sua organisação merece referencia. O Sr. Ransome examinou a sua organização central, na rua Tverskaia, onde viu enormes mapas da Russia com todos os centros de distribuição assinalados por numeros, o que permite saber de pronto quantas publicações novas deverão ser enviadas a cada um deles. Cada agencia do correio constitue um centro para onde se envia um certo numero de publicações; periodicas e outras. Os sorviets locaes fazem as suas encomendas por intermedio dessas agencias postaes, de sorte que as remessas são reguladas segundo as necessidades do consumo, o que é muito importante num paiz onde ha que fazer face, ao mesmo tempo, aos pedidos consideraveis de materia impressa e a uma carencia extrema de papel.

«Livros absolutamente esgotados, taes como o *Curso de Historia Russa*, de Kliutchevski, foram reimpressos e postos á venda por preços muito razoaveis. Eu pude assim adquirir um livro que ha muito tempo procurava, *Relatos de Estrangeiros sobre o Estado Moscovita*, do mesmo autor, cuja edição igualmente se achava esgotada.

O governo tem reimpresso deste modo e vende a preços muito baixos, que os livreiros não podem elevar, as obras de Koltzov, Nikitine, Krilov, Saltikov-Chtchedrine, Tchekhov, Gontcharov, Uspenski, Tchernichevski, Pomialovski e outros. Publicou Nekrasov na edição de Tchúkovski, faz reimpressões de Tolstoi, de Dostoievski, edita os livros do professor Timiriazev, de Karl Pearson e outras obras cientificas, bem como as obras completas de Plekhanov, o velho rival de Lénine».

Dois jornalistas noruguezes, Puntervold e Stang, que visitaram a Russia na mesma epoca que o Sr. Ransome, confirmam as informações deste.

Publicaremos depois a comovente entrevista que o Sr. Ransome teve com o professor Timiriazev, o maior dos darwinistas russos, membro da Royal Society, doutor da Universidade de Cambridge, e bolchevista.

Lembremos tambem a creação dos «Trens Vermelhos», cujo primeiro foi inaugurado a 1 de novembro de 1918, por Lénine, os quaes distribuem livros ás centenas de milhares de exemplares até ás provincias mais longinquas. Nas estações onde pára o trem, realizam-se meetings de propaganda em favor da educação. Operadores cinematograficos apanham vistas de cada localidade, afim de instruir as diversas regiões sobre os modos de vida, os costumes uma das outras.

Zinovief vence o cólera

Mostrámos, ao citar o Instituto de Cultura Fisica, o cuidado que os bolchevistas têm pela higiene. Como exemplo da sua capacidade pratica diante das dificuldades mais arduas, citemos a sua luta contra o cólera, em Petrogrado, nas tragicas condições que nesse momento atravessava. O Sr. Ransome, que já vivera na Russia sob o regimen czarista, escreve:

«A despeito das grandes dificuldades de abastecimento, Petrogrado lutou activamente contra a epidemia do cólera. A situação, de começo, era dificilima. Eu proprio vi tombarem na rua pessoas atingidas pela molestia, em grande parte devido á insuficencia de alimentação.

Entretanto, o Soviet estabeleceu nas ruas numerosos postos de distribuição de agua fervida. Nas praças principaes instalaram-se fontes de agua fervida aos cuidados de enfermeiras da Cruz Vermelha. Centros de vacinação foram espalhados por toda a cidade. O pessoal medico sofreu muito, no principio; mas, graças á vacinação, a mortalidade entre ele cessou completamente.

A campanha contra o cólera foi infinitamente melhor organizada que as que tive ocasião de assistir, no antigo regimen, contra epidemias identicas.

Isto se deve, em grande parte, á energia de Zinovief, presidente da comuna de Petrogrado».

As artes e as letras

Uma comissão de proteção ás artes e á arqueologia tem reunido inestimaveis coleções: obras de Boucher, Vigée-Lebrun, Van Loo, Winterhalter, etc., mestres holandezes e italianos do seculo XVII...

Uma comissão especial recolhe as melodias populares. Formou se um dapartamento da Musica no Comissariado da Instrução Publica; esse departamento prepara o programa musical para as escolas, edita uma publicação musical hebdomadaria.

Uma outra comissão se encarrega da edição das obras dos escritores russos e estrangeiros (Gorki é um dos membros principaes desta comissão). Ela se propõe a publicar em primeiro lugar 260 volumes de traduções de obras literarias dos seculos XVIII e XIX.

Os esforços originaes dos bolchevistas, no sentido de suscitar e desenvolver uma arte verdadeiramente popular, merecem um estudo especial, que não podemos fazer aqui por falta de espaço.

As mais modernas escolas de pintura triunfam na Russia sovietista. O impressionismo mais rutilante e mais ousado, em telas enormes, se ostenta nas ruas de Moscou e de Petrogrado, nos dias de grandes manifestações e comemorações.

O Teatro para os Trabalhadores e as Creanças

Os testemunhos mais violentamente opostos, no apreciar os acontecimentos da Russia, manifestam-se de pleno acôrdo ao reconhecer o esplendor do actual teatro russo. Novas casas de espectaculo são construidas. As obras primas da literatura mundial são representadas por toda a parte: Shakespeare, Molière, Ibsen, Dickens, Haup'mann, Gorki, taes são os nomes que aparecem diariamente nos cartazes dos teatros.

O povo russo é actualmente o unico que, segundo a expressão de Mirbeau, «tem direito á beleza». O Sr. Frazier Hunt escrevia em maio ultimo:

«Teatros foram designados para os operarios, novas galerias de arte se abriram e os jornaes do governo publicam listas indicando as conferencias e os divertimentos organizados para os operarios. Visitei um certo numero desses teatros dos Soviets, e notei com interesse como os operarios, na sua convicção de proprietarios, se comportam nos *seus* teatros. Eles ahi vão acompanhados das suas familias, e não raro conservam o chapeu na cabeça, sobretudo, acrecente-se, quando faz muito frio.

Os grandes sindicatos e as usinas alugam filas inteiras de cadeiras, que cedem gratuitamente, ou a preços muito baixos, aos operarios. Existem ao todo sete desses teatros dos Soviets, em Moscou: eles são uma especie de clubes para as massas. Os homens, que, outr'ora, perdiam o dinheiro e as noites a beber, agora vão ao teatro, onde se representam antigas operas, ou peças do repertorio classico russo.

Junto á secção teatral do Comissariado, foram creados um Escritorio e um Soviet do teatro para a infancia, compostos por musicos, artistas, pedagogos, regentes. Eles organizam espectaculos para a juventude, editam coleções de peças, de canções, fundam museus, etc.

Que temem os nossos governantes?

Queixámo-nos, no começo deste estudo, das escassas possibilidades de nos documentarmos directamente para fazer este balanço da «barbaria bolchevista». Mas supomos ter dito o bastante para explicar a teimosia dos nossos governantes em negar aos nossos socialistas permissão para proceder a inqueritos *in loco*.

As viagens formam a juventude. Elas formam tambem os socialistas... Tantas mentiras, tantas calunias têm sido proferidas contra os bolchevistas, durante esses dois anos, pelos nossos ministros e jornalistas burguezes, que estes impostores temem hoje a revelação da verdade.

Comprehende-se assim a firme e tranquila segurança com que Lénine dizia, em substancia, recentemente, ao delegado americano Sr. Bullit:

«*Estamos prontos a renunciar a toda a nossa propaganda. Bastar-nos-á que os povos conheçam a nossa obra...*»

Sim, é preciso que todos os povos conheçam a obra da Primeira Republica Socialista. E quando eles a conhecerem...

Boris Souvarine.

Palestras nos Trens

A's vezes chego a bemdizer o acaso que me conduziu a morar nos suburbios.

Quem viaja nos trens, diariamente, vê e ouve muita coisa interessante: desde o bacharel que constantemente mete o dedo indicador, armado do anel simbolico, nas fossas nasaes e cospe no soalho do carro, até o conductor de trem que, sem a menor cerimonia, se debruça sobre uma passageira que viaja na beira do banco para conversar no ouvido de um conhecido.

Os assuntos são variadissimos.

Cavações de pistolões para serem promovidos nas repartições publicas com detrimento de colegas mais merecedores; politicagem; negociatas; banalidades, etc.

Mas, nada disso nos interessa tanto quanto esta palestra autentica que vou passar para aqui.

Viajavam a meu lado dois senhores.

Um, bacharel, moço ainda, Outro, um burguez qualquer mal encarado e de olhar velhaco.

Dizia o bacharel:

—Os anarquistas estão em máos lençoes. Estão perdendo terreno em toda linha. Na Russia, o tal regimen comunista não vae lá das pernas; Koltchak e Denikine, auxiliados pelos aliados, liquidarão dentro em pouco as hostes de Lenine e ficará tudo como dantes, isto é, os aliados põem lá um governo *democrata*. Manda quem póde. Si a Rusia não póde governar-se a si propria dentro das normas da civilisação, do direito e da justiça, tem que se sujeitar ao protectorado das potencias civilizadas. Aqui, como se vê, a campanha contra as suas teorias subversivas é unanime. O chefe de policia é energico. A imprensa secunda a ação dos poderes constituidos. Vae tudo ás mil maravilhas. Nada temos a recear destes exploradores estrangeiros que procuram meter na cabeça dos nossos operarios ordeiros que eles valem mais do que o presidente da republica porque trabalham e vivem honestamente e o Epitacio é um parasita que vive a custa deles.

Diz o burguez:

—Ora veja que heresia! Então estes malditos não vêm que o Dr. Epitacio é um homem instruido, um patriota que elévou brilhantemente o nome do Brazil na Conferencia da Paz?! E' lá possivel comparal-o a um operario ignorante e estupido?! Bem diz a Senhora Rezende Martins que os anarquistas prometem o que não podem cumprir.

Eu não disse nada porque um anarquista que se preza não deve discutir nos trens com bachareis e burguezes velhacos; mas direi d'aqui:

Coitadinhos! Quando a bomba rebentar na Europa, aqui e em toda parte, nem sabem do que morrem.

Olhem bem que eu falo em *bomba rebentar* é em sentido figurado, como indicando uma grande surpreza.

Não vão vocês tomarem ao pé da letra essa expressão. Como é vez no antigo da policia não conceber anarquistas sem as competentes bombas, pensarão os burguezes pacatos e *honestos* que eu e os meus camaradas somos capazes de construir uma bomba do tamanho do Pão de Assucar e fazel-a explodir na Avenida Rio Branco.

Não, meus caros burguezes. O tempo dos anarquistas com bombas já passou.

Agora os que fazem uzo de bombas, petardos, granadas, gazes asfixiantes e todos os demais processos para destruir a humanidade, são os arqui-civilizados governantes, como vimos na grande guerra que o capitalismo urdiu e alimentou durante cinco anos.

As nossas bombas são argamassadas com a verdade, o sofrimento, o clamor fremente de milhões de escravos que antevêm a aurora sublime da liberdade, cujo fóco já irradia no Oriente e ha de se espandir em todos os recantos deste planeta.

Mauricio Livrefesta

...em ultima analise, é ao mundo dos negocios que pertence o governo... —NORMAN ANGELL.

PRÓ “SPÁRTACUS”

GRANDE FESTIVAL DE PROPAGANDA

promovido pela Liga Comunista Feminina

O programa constará de:

Conferencia

Versos e canções

Espectaculo teatral

Musica e baile

Variada quermesse

No dia 1 de Novembro proximo

No vasto salão do Centro Gallego

A Comissão Organizadora solicita prendas para a quermesse, podendo as mesmas ser emtregues na Aliança dos Operarios em Calçado ou na União Geral da Construção Civil.

Astralisações

Musica do CAREÇA QUANDO CHEGOU

Com “Razão” ou sem «Razão»
O Mattos, grande tratante,
Vive a embuir a Opinião
Com seus planos de farçante

ESTREBILHO

Maluco o Mattos,
Maluco o Leite,
Malucos todos da Redação:
Não são malucos os operarios
Que não lhe deixam
Mais o tostão.

Uma «notinha» por dia,
Uma consulta ao «astral,»
E' toda a sabedoria
Que prega no seu jornal.

Critica a filosofia,
Sciencia, Arte e medicina,
Declarando que a Anarquia
E' uma idéa assassina.

Que pretende esse sugeito
Com tal ação tão cretina?
Ser um mestre de direito,
Ou jornalista da China?

Não tem estilo nem graça
Na sua literatura;
Si de homem só tem carcaça,
Do jornal faz sinecura.

Jornal de duas feições,
E' burguez e é «proletario».
Ao pobre arranca os tostões
E contos ao argentario.

Ninguem sabe de onde veio,
Nem como pensa o farçante,
Mas traz o publico cheio
Da sua «prosa» pedante.

No tempo do Aurelinoff,
Para iludir o operario,
A chamal-o de Trepoff
Visava o tostão diario.

Dizia-se orgam do pobre,
Defensor dos oprimidos.
Mas... queria o rico cobre
Desses trouxas iludidos.

Sóbe o comprade Epitacio
A' curul presidencial,
E o «comendador Acacio»
O bajula em seu jornal.

Era o anarquista vermelho
Seu camarada de então;
E hoje o chama de «anarquelho»
Que vive da exploração!

Homem das NOTAS, cuidado!
Sluão, mesmo que não queira,
Terás que ser visitado
Pelo Juliano Moreira.

Esta lembrança é bastante,
Esperto comendador;
Todos sabem que és tratante
No teu «Centro Redentor.»

Mattos, ninguem acredita
Na fanfarronice tua;
Põe termo a tanto «negrita.»
Vai para o... mundo da lua.

Seresteiro Vermelho

Novos tempos

O Sr. Loucheur é considerado o grande senhor da Electricidade, na França. São imensos os seus interesses em todas as grandes firmas industriaes e financeiras da França. Antes da guerra era ele um dos grandes proventuarios nos mais importantes trustes da agiotagem franceza. Com a guerra a sua situação se reforçou consideravelmente, como é bem de ver.

O Sr. Loucheur era interessado em vultuosos negocios na Russia—caminhos de ferro, tramways e outros. Associado a varios financeiros e especuladores cosmopolitas, ele preparava novas operações (Olonetz, Tiflis, Kharkov, etc...), pouco antes de rebentar a revolução que deu por terra com o czarismo.

Como se sabe, as grandes emprezas capitalistas da nossa época têm necessidade do conselho esclarecido de homens da lei, nos momentos delicados. Advogados de reputação ficam-lhes ao serviço, a peso de ouro. Frequentemente essas empresas buscam-nos dentro dos parlamentos... Tudo isso é muito sabido.

Assim, o Sr. Loucheur havia escolhido, antes da guerra, como conselheiro juridico das suas operações, o honrado Sr. Noulens, ao tempo chefe de um dos partidos republicanos na Camara franceza. Exacto nos seus compromissos, o Sr. Noulens, em varias conjuncturas dificeis, pres'ou relevantes serviços ao seu patrão.

Como embaixador da França na Russia, os negocios moscovitas do Sr. Loucheur teve nele um cuidadoso vigilante. Ha pouco o Sr. Noulens foi chamado para a pasta ministerial dos Abastecimentos. E como se sabe que o Sr. Loucheur gosa de grande influencia junto de Clémenceau, não é dificil concluir que a sua designação obedeceu aos desejos do poderoso açambarcador.

“O Sr. Loucheur, diz l'*Humanité*, quer ser o senhor supremo da politica economica deste paiz.»

Mas, como na Russia, apezar de todos os pressurosos esforços do Sr. Noulens, a proxima revolução franceza vae estragar os dourados planos do Sr. Loncheur... Já não pode um honesto cidadão roubar honestamente o povo nestes sinistros tempos de revoluções!

Os nossos inimigos são fortes porque estão bem organizados; a nossa debilidade se deve sobretudo á falta de organização. — PEDRO ESTEVE.

Administração

N. 7

ENTRADAS

Saldo do n. anterior	342$000

SAHIDAS

Composição e impressão	120$000
Saldo	222$000

N. 8 E 9

ENTRADAS

Saldo do n. anterior	222$000
Venda avulsa	38$800
" de pacotes	32$200
Da Federação	50$000
De Santos Barbaza (entredas do n.7)	170$000
De Caxambú	4$000
Manzini	2$000
Aliança dos Sapateiros	100$000
Umberto Cinelli	100$000
M. Oliveira	10$000
Lenino Ramos	5$000
Assinaturas	8$000
Venda avulsa (Fernandes)	31$800
Lista n. 44	53$900
« « 39	6$000
« « 36	10$000
« « 43	16$000
« « 25	6$000
« « 35	30$500
« « 20	6$000
De Campo Grande (Estado de Matto Grosso)	5$500
Gutierrez (Santos) pct.	67$200
Naquette (Porto Alegre) pacotes	50$000
J. Cid (Barra Mansa) pacotes	11$000
A. Fernandes	2$000
Rocha (venda avulsa)	91$200
Ontoria	10$000
Henrique P. Baptista	11$000
Venda avulsa (A. Marceneiros)	15$300
Venda de folhetos	1$600
Gião (pacotes)	3$000
Cesinio Duarte (Juiz de Fóra) pacotes	6$000
Donativos	5$000
Total	1:181$000

SAHIDAS

Tipografia (n. 8)	440$000
Selos, registo e postaes	24$700
Passagens	18$900
Certidão de Campos e registo	10$600
Redação (n. 8)	28$000
Carreto	13$400
Administração (n. 8)	10$000
Tipografia (n. 9)	440$000
Administração	37$000
Pagamentos de folhetos	2$500
Despacho de j. para S. Paulo	10$000
Redação (n. 9)	28$000
	1:063$100

RESUMO

Entradas	1:181$000
Sahidas	1:063$100
Saldo	117$900

EXPEDIENTE

Spártacus *publica-se sob a responsabilidade de um Grupo Editor, estando a sua redação e administração a cargo de Astrojildo Pereira.*

* * *

A redação e administração de Spártacus *acham-se provisoriamente instaladas no largo de S. Francisco, 36, 1º, sala 10. Toda a correspondencia, porém, deve ser enviada exclusivamente para a* Caixa Postal 1936, Rio de Janeiro.

* * *

As assinaturas de Spártacus *podem ser tomadas sobre a base de 1$000 por serie de 12 numeros.*

* * *

Preço para os pacoteiros: 1$000 por pacote de 12 exemplares.

* * *

Spártacus *aparecerá aos sabados, emquanto não puder publicar-se diariamente, sendo de 100 réis o preço do numero avulso para todo o Brazil.*